

Ensino à distância ou à distância do ensino?

JERÔNIMO RODRIGUES DE MORAES NETO

Há quem diga que determinados pedagogos são como o bambu. Bonito por fora mas oco por dentro.

Não sabemos se o "ensino à distância" foi criado por pedagogos ou absorvido por eles. Deparamo-nos com essa dúvida quando começamos a questioná-lo, até mesmo, em relação ao emprego de determinadas terminologias. A palavra tutor, por exemplo, usada no lugar de "professor" teria o mesmo sentido? É possível enfatizar o ensino, à distância, esquecendo-se da dicotomia ensino-aprendizagem? O ensino-aprendizagem, sobretudo para crianças e adolescentes, deve ser monológico ou dialógico?

Como motivar o cursista (palavra que substitui aluno no ensino à distância) na aquisição do conhecimento?

Segundo nossos dicionários, "tutor" é o indivíduo legalmente encarregado de tutelar alguém, isto é, de defendê-lo, de protegê-lo. Na área jurídica, tutor é aquele que se ocupa do incapaz. Já "professor" é o que ensina uma disciplina, uma técnica, uma arte, uma ciência. O professor, além de ensinar, de instruir, ele professa, exerce a profissão de ensinar. Se o homem é livre pela educação, não faz o menor sentido apresentar ao nosso aluno um tutor, mas um professor, a não ser em juízo. Será que este tutor possui formação pedagógica e licença para "tutelar" ou precisa apenas de boa vontade?

Este é um dos motivos que nos leva a perguntar se, de fato, o "ensino à distância" nasceu entre professores ligados à educação, pois parece-nos estranho substituir professor por tutor e tal atitude não seria coerente à formação de um docente.

Como podemos falar de ensino, esquecendo-nos da aprendizagem? A dicotomia ensino-aprendizagem é inseparável. Ensinar implica a busca do conhecimento através de sinais. Etimologicamente, é "fazer conhecer pelos sinais". E este conhecimento deve ser apreendido, adquirido pelo aluno. Não basta, apenas, que nós os ensinemos. É necessário levarmos nosso aluno a fixar o conhecimento mediante sua aquisição. É justamente pela linguagem que se dá essa aquisição. Aristóteles, em sua obra "Política", nos afirma que somente o homem é um animal político, isto é, social porque é dotado de linguagem.

O verdadeiro pedagogo jamais abordaria "ensino" esquecendo-se da "aprendizagem". E excluir a pedagogia do estudo dos conteúdos é condenar-se a nada compreender do funcionamento real dos ensinamentos. Para André Chervel, pedagogo francês, a pedagogia, longe de ser um lubrificante espalhado sobre o mecanismo, não é senão um elemento desse mecanismo, aquele que transforma os ensinamentos em aprendizagens.

Conseqüentemente, o ensino-aprendizagem deve ser cada vez mais presencial, sobretudo na educação de crianças e de adolescentes. A presença do professor é fundamental em todos os aspectos, sejam eles físico, afetivo, intelectual, moral, pedagógico, dentre outros.

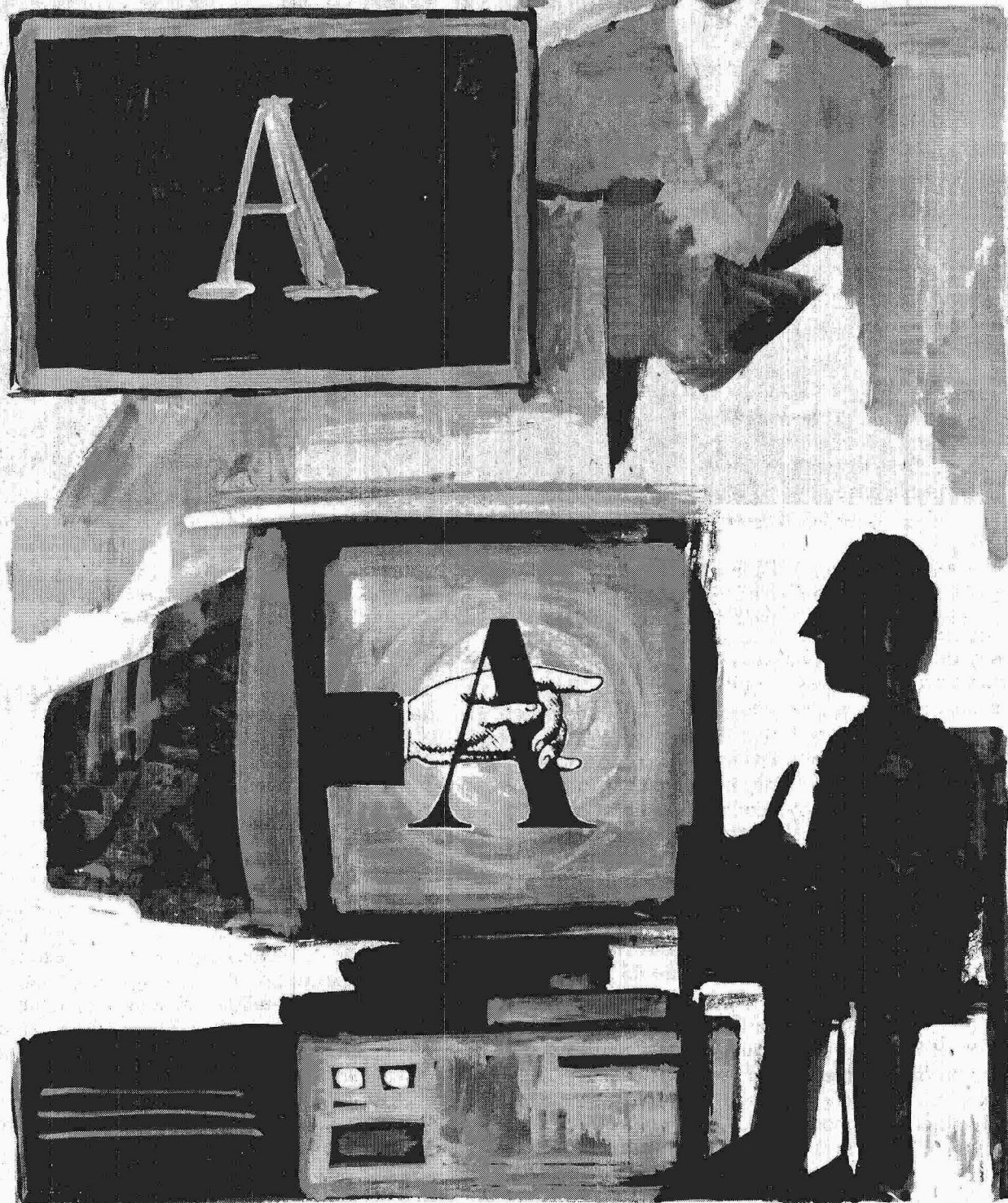
Em pesquisa feita pelo GLOBO (Jornal da Família — 21/06/98) adolescentes cariocas de classe média manifestaram medo em relação ao século XXI.

"Tenho medo que o homem seja devorado pela máquina.

Tenho medo de as pessoas se falarem pelo computador e se afastarem cada vez mais uma das outras. Queria ter nascido no século XVII, sem telefone, sem computador."

Infelizmente, muita ênfase vem sendo dada às atividades feitas à distância.

É ensino à distância e até sexo à distância, sexo virtual. E para você, leitor, o que é melhor: o presencial ou o virtual? Dialogar com o professor ou monologar com o texto?



Nós reconhecemos a validade do "ensino à distância", sobretudo para adultos. Hoje, encontramos países, como a Espanha, que possuem até universidades especializadas nessa área. Não deixa de ser um recurso para atender ao "cursista" suprimindo determinadas necessidades, principalmente a falta de professor. Acontece que, no nosso país, parece-nos que tal recurso vem crescendo, desordenadamente, sem escrúpulo e até sem um efetivo conhecimento do método por aqueles que com ele trabalham, mas sem uma formação adequada. Devemos ter discernimento e honestidade para fazermos uso desse recurso com bastante eficiência quando estivermos, efetivamente, desprovidos da presença efetiva do professor. O ensino à distância deve existir para tentar suprir a ausência do professor e não para substituí-lo, como vem acontecendo.

O professor não pode ignorar que sua atividade é determinante na motivação do aluno. O sucesso ou o fracasso da aprendizagem depende muito dele e o resultado do seu trabalho repercutirá na vida de seus alunos. Segundo o mestre Luiz Alves de Mattos, "motivar é despertar o interesse e a atenção dos alunos

pelos valores contidos na matéria, criando neles o desejo de aprendê-la, o gosto de estudá-la e a satisfação de cumprir as tarefas que ela exige". Acreditamos que só pela motivação poder-se-á construir um passo importante e decisivo para uma estratégia pedagógica, visando ao seu desenvolvimento.

No que tange ao ensino à distância como a motivação é trabalhada no sentido de ajudar os alunos a esclarecer, explicitar, repetir, construir suas próprias demandas, isto é, seus próprios interesses?

Na realidade, o adolescente de hoje está bastante carente, às vezes desorientado, isolado, sem horizontes, seja ele de qualquer classe social. Melhor seria acolhê-lo com carinho, com a nossa presença, com o nosso conhecimento e nossa sabedoria. Quem sabe, com mais amor e menos distância, possamos fazer com que o nosso aluno venha descobrir, ao digitar pelas teclas do computador, a sua imagem, à semelhança de Deus?

JERÔNIMO RODRIGUES DE MORAES NETO é professor adjunto da UFRJ e da Uerj, doutor em educação pela USP